

UM ESTUDO SOBRE O CORPO NA LITERATURA JUVENIL DISTÓPICA

Cássia Farias

Orientador: André Cabral de Almeida Cardoso

Doutoranda

RESUMO: O trabalho tem por objetivo apresentar o tema do meu projeto de Doutorado em Literatura Comparada, em que será feito um estudo sobre as distopias juvenis. A literatura juvenil imaginativa parece, à primeira vista, se distanciar de tópicos sobre o processo de crescimento e socialização, explorados com frequência na ficção realista para jovens. No entanto, vários estudos apontam que essas temáticas estão, sim, presentes na ficção imaginativa, mesmo que muitas vezes escondidos por trás de um enredo de aventura – um dos objetivos do meu trabalho, então, será investigar como esses assuntos são apresentados nas distopias juvenis. Outro foco de interesse nas obras desse gênero é que as histórias passadas em ambientes distópicos tendem a carregar em si críticas aos valores e à sociedade de sua época de produção. A pesquisa buscará investigar como essa crítica se dá na produção distópica juvenil, partindo de um viés que parece conectar narrativas muito diversas: o corpo. Em diferentes obras, ele recebe posição de destaque, e o corpo do protagonista adolescente, e também daqueles ao seu redor, tem sua integridade ameaçada. Esse foco dado ao corpo e as tensões que são encenadas nele parecem estar diretamente relacionados à vivência dos jovens na contemporaneidade, traçando um paralelo entre adolescência e distopia. O projeto, então, tem por objetivo mapear as diferentes formas como esses corpos se apresentam e o que elas revelam não só sobre a nossa sociedade, mas também sobre a própria experiência dos jovens e os conflitos típicos da idade, buscando entender a popularidade do gênero entre os leitores adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura juvenil; Distopia; Distopia juvenil.

O objetivo deste artigo é apresentar a pesquisa a ser desenvolvida durante o Doutorado em Literatura Comparada, iniciado este ano na Universidade Federal Fluminense. Esta pesquisa dá continuidade aos trabalhos desenvolvidos durante o Mestrado em Literaturas em Língua Inglesa, realizado na mesma instituição, em que estudei a literatura juvenil em língua inglesa (*young adult literature* – YALit), de cunho realista, abordando as relações entre

essa literatura e o romance de formação, gênero que influenciou muito a escrita para jovens. Faltou abordar, em minha dissertação, a literatura imaginativa, aquela que se passa em realidades distintas da nossa. Nesse subgênero, fica particularmente claro como a literatura juvenil é marcada por tendências mercadológicas, sendo a mais recente delas os romances distópicos.

Como parte do grande grupo da literatura de cunho utópico, as histórias passadas em ambientes distópicos carregam em si críticas aos valores e à sociedade de sua época de produção (cf. BACCOLINI; MOYLAN, 2003), sendo justamente essa característica básica o que chamou minha atenção para o gênero em sua manifestação juvenil. Inicialmente, me perguntei se, de fato, a crítica ainda estaria presente na *young adults literature*, ou se o rótulo de distopia se aplicaria apenas ao cenário e ambientação. A leitura inicial de algumas obras que são facilmente encontradas no mercado brasileiro parece indicar que sim, e a crítica especializada confirma que essa literatura se preocupa – ou ao menos deveria se preocupar – justamente em provocar uma reflexão nos jovens (cf. HINTZ; OSTRY, 2003). Dessa forma, “podemos identificar temáticas no gênero que refletem a forma como os principais medos e preocupações do mundo contemporâneo são transplantados para o cenário distópico”¹ (BASU et al., 2013, p. 3, tradução livre), sendo a distopia voltada para adolescentes uma literatura que tem uma grande diversidade de temas, não se detendo em criticar apenas um aspecto de nossa sociedade. Comecei a me questionar, então, se havia algo que pudesse unir todas essas distopias, e que se sobressaísse em uma produção tão plural – e creio que a resposta seja o corpo.

Em muitas das chamadas distopias juvenis, o corpo está em destaque. Seja lutando pela sobrevivência pessoal, liderando revoluções ou por meio de cirurgias plásticas, o corpo do protagonista adolescente, e também daqueles ao seu redor, tem sua integridade ameaçada. Talvez ainda mais significativo seja o fato de que o controle sobre o próprio corpo – e sobre a própria vida – é retirado desses jovens. Creio que tais características sejam significativas, já que o público-alvo dessas obras se encontra num período de transição em que se espera que se deem os primeiros passos em direção à vida adulta, o que inclui desenvolver a habilidade de

¹ No original: “we can trace thematic threads in the genre that reflect how the central fears and concerns of the contemporary world are grafted onto dystopian landscape”.

tomar decisões e fazer escolhas por conta própria. A sociedade, porém, muitas vezes mostra-se hostil ao jovem e coloca empecilhos em seu processo de amadurecimento, e as narrativas distópicas podem ser um retrato dessa passagem conflituosa.

Surgiu então a hipótese de que seria possível traçar um paralelo entre a forma como os personagens das distopias se relacionam com seus corpos e o processo de desenvolvimento e amadurecimento pelo qual deve passar o jovem em nossa sociedade. A adolescência é o período da vida em que o indivíduo começa, de fato, a ser inserido na sociedade e passa a sofrer com as angústias e pressões decorrentes de nosso momento sócio-histórico, ao mesmo tempo em que se intensificam as pressões da família e da escola para que ele adquira independência e amadureça. Com isso, é possível atribuir a predominância e a popularidade das distopias juvenis à própria vivência adolescente. Ao ser indagada se jovens saberiam lidar com a pura distopia, Lois Lowry (HINTZ, OSTRY, 2003, p.199, tradução livre) respondeu:

“Lidar”? Os jovens lidam com a distopia todos os dias: em suas vidas, em suas famílias disfuncionais, em suas escolas cheias de violência. Eles assistem a uma televisão distópica e a filmes sobre o mundo real onde armas trazem soluções explosivas para conflitos.²

É interessante aqui considerar a ideia de distopia concreta, tal como é apresentada por Maria Varsam (2003, p. 209, tradução livre): “distopia concreta [é o termo que] designa aqueles momentos, eventos, instituições e sistemas que incorporam e concretizam formas organizadas de violência e opressão”.³ O conceito está relacionado a uma forma de entender nossa história, já que aproxima “o passado e o presente, criando assim um contínuo no tempo em que a realidade histórica é distópica, pontuada eventualmente por rompantes utópicos que surgem na forma de literatura, arte e outras manifestações culturais”⁴ (VARSAM, 2003, p.208, tradução livre). Nosso passado, marcado por injustiças, guerras e desigualdade pode, então, ser visto como distópico, mas nosso presente ainda carrega essas marcas, já que,

² No original: “Handle”? Young people handle dystopia everyday: in their lives, their dysfunctional families, their violence-ridden schools. They watch dystopian television and movies about the real world where firearms bring about explosive conclusions to conflict.”

³ No original: “concrete dystopia designates those moments, events, institutions, systems that embody and realize organized forces of violence and oppression”.

⁴ No original: “the past and present, creating thus a continuum in time whereby historical reality is dystopian, possibly punctuated by utopian ruptures in the form of literature, art and other cultural manifestations”.

mesmo com os avanços da sociedade em questões de ideologia e direitos, continuamos longe do ideal, sem mencionar as ondas de conservadorismo que vivenciamos. O adolescente, então, inserido nesse contexto e ciente da realidade do mundo, já tem a experiência da distopia.

Hintz e Ostry chamam atenção para o fato de que, durante a adolescência, o sujeito “é, de fato, confrontado com decisões que espelham aquelas feitas pela sociedade como um todo”⁵ (2003, p.10, tradução livre), em especial no que diz respeito aos limites da liberdade e questões envolvendo conformismo e rebelião. E mais do que isso, para as autoras, “a distopia pode funcionar como uma poderosa metáfora para a adolescência”⁶:

Na adolescência, a autoridade parece opressiva, e talvez ninguém se sinta mais sob vigilância do que o adolescente comum. O adolescente está às portas da vida adulta: perto o suficiente para ver seus privilégios, sem ainda estar apto para aproveitá-los. Os confortos da infância já não são mais satisfatórios. O adolescente deseja mais poder e controle, e sente de forma intensa os limites impostos a sua liberdade.⁷ (HINTZ; OSTRY, 2003, p. 9-10, tradução livre)

Pensar na experiência adolescente em conjunção com as leituras teóricas acerca da literatura distópica, bem como de obras juvenis pertencentes a esse gênero, me fazem concordar com a ideia de Hints e Ostry. A passagem para a vida adulta por si só – que deve ser realizada de forma satisfatória de acordo como que a sociedade espera – pode se transformar em um verdadeiro desafio e fonte de angústia para o adolescente, mesmo que ele não passe por experiências traumáticas pessoalmente. Se pensarmos na ideia de que “[d]istopias concretas são aqueles eventos que formam a base *material* para o conteúdo da ficção distópica”⁸ (VARSAM, 2003, p.209, grifos do original, tradução livre), é possível caracterizar a adolescência como um período de distopia concreta, só que no âmbito do indivíduo ao invés do social.

⁵ No original: “is indeed faced with decisions that mirror those made by society as a whole”.

⁶ No original: “dystopia can act as a powerful metaphor for adolescence”.

⁷ No original: “In adolescence, authority appears oppressive, and perhaps no one else feels more under surveillance than the average teenager. The teenager is on the brink of adulthood: close enough to see its privileges but unable to enjoy them. The comforts of childhood fail to satisfy. The adolescent craves more power and control, and feels the limits on his or her freedom intensively.”

⁸ No original: “[c]oncrete dystopias are those events that form the *material* basis for the content of dystopian fiction”.

Mas como essas aproximações entre a experiência adolescente e a distopia se manifestam, de fato, nas obras? Em minha dissertação, concluí, partindo dos estudos de Coutinho (2005; 2009), que o protagonista da literatura juvenil realista passa por um processo de aprendizado semelhante ao que se espera que o adolescente real, que lê o livro, passe. O mesmo parece valer nas distopias, pois muitas “devem dar ao jovem leitor algum tipo de direção ou inspiração sobre como viver de maneira correta no mundo”⁹ (SMITH, 2013, p.61, tradução livre). Além disso, a literatura young adult, de uma maneira geral, tem sua origem ligada ao *Bildungsroman* (BASU et al., 2013, p.6) e, com isso muitas de suas obras são perpassadas pela temática do amadurecimento. No caso específico das distopias, o que ocorre é que elas retomam as convenções desse gênero “usando conflitos políticos, desastres ambientais ou outras formas de inquietação como o catalisador para atingir a vida adulta”¹⁰ (BASU et al., 2013, p.7, tradução livre).

A distopia enquanto possível metáfora para a adolescência, porém, parece ir um pouco além: a meu ver, por trás dos acontecimentos dessas narrativas se escondem angústias e ansiedades comuns à experiência adolescente em nossa sociedade. Um dos aspectos que parecem apontar para essa possibilidade é o fato de que os protagonistas das distopias, se não se encontram às portas da idade adulta, iniciam a narrativa no limiar de algum evento de grande porte que representará um *turning point* em sua vida, modificando sua relação com os outros, com a sociedade em geral e até consigo mesmo.

E onde se encaixa a questão do corpo nesse contexto? O corpo tem papel de destaque na adolescência, já que é nessa fase da vida que ocorre a puberdade, e corpo do indivíduo passa por uma série de transformações, o que, por si só, já justificaria tal presença na literatura voltada a esse público. É preciso dizer, entretanto que esse aspecto biológico não é o que recebe mais destaque na ficção imaginativa juvenil, embora não se encontre de todo ausente – algumas distopias envolvem, por exemplo, ritos que são atrelados a uma idade específica. Além disso, a relação entre o jovem e seu corpo muda nessa fase não só por questões fisiológicas, mas também com base na maneira como a forma humana é representada na

⁹ No original: “are meant to provide young readers with some guidance and inspiration for how to live rightly in the world”.

¹⁰ No original: “using political strife, environmental disaster, or other forms of turmoil as the catalyst for achieving adulthood”.

mídia: vivemos em uma cultura de culto ao corpo e da beleza, em que padrões estéticos muitas vezes inalcançáveis são impostos. Na adolescência, essa pressão é sentida de forma profunda e pode gerar uma série de angústias, especialmente para meninas. Não só as mulheres ainda são as que mais sofrem com problemas de autoimagem e distúrbios alimentares, como também o corpo feminino é constantemente objetificado. Talvez não seja à toa que uma parcela considerável das distopias juvenis tenham protagonistas femininas, já que muitas delas trazem à tona justamente essas questões.

Tendo em vista a importância do corpo na vivência dos leitores em potencial dessas obras, e o papel de destaque que ele ocupa nestas, meu objetivo com a pesquisa será estudar e mapear as diferentes representações do corpo nas distopias juvenis. Para isso me utilizarei de três séries. “Jogos Vorazes”, escrita por Suzanne Collins entre 2008 e 2010, é a mais famosa entre as séries selecionadas e conta a história de Katniss Everdeen a partir do momento em que ela resolve tomar o lugar da irmã nos Jogos Vorazes, uma competição em que adolescentes são forçados a lutar até a morte, até que sobre apenas um vencedor. Os livros acompanham a protagonista na sua primeira participação nos jogos, na qual é vencedora ao lado de Peeta, um de seus interesses românticos; o retorno dos dois à arena de competições; e a luta pela revolução, que começa a se organizar no segundo livro e que termina por de fato derrubar o governo opressor ao final da série. “Starters”, de Lissa Price, conta apenas com dois livros, *Starters* e *Enders*, lançados respectivamente em 2012 e 2013. A história se passa em um mundo em que, em virtude de uma arma biológica, virtualmente todos os adultos morreram, restando apenas os idosos e as crianças e adolescentes. Nesse contexto, temos Callie Woodland, uma jovem que vive com o irmão e um amigo em clandestinidade, visto que não têm avós que possam se responsabilizar por eles. Devido à doença de seu irmão, Callie se vê sem opção a não ser ir trabalhar para a *Prime Destinations*, uma empresa que aluga o corpo de adolescentes para idosos que desejam se sentir jovens novamente. Após isso, a menina se vê envolvida em uma conspiração que termina com o fechamento da empresa, mas não na liberdade dos adolescentes que ela empregava, pois o chip implantado em seus cérebros pela organização ainda é uma fonte de risco. A última série a ser trabalhada é “Feios”, de Scott Westerfeld, composta por quatro livros e publicada entre 2005 e 2007. Nessa saga, acompanhamos Tally Youngblood, uma adolescente que espera ansiosamente

pelas cirurgias que a deixarão bonita – um procedimento pelo qual todos de sua sociedade passam ao completar 16 anos –, mas que vê seus planos serem frustrados quando o governo suspende sua operação até que ela localize a sociedade rebelde para qual uma de suas amigas fugiu. Uma série de eventos é desencadeada após esse fato, até culminar em uma revolução.

A partir da leitura inicial dessas obras, pude identificar, de início, quatro representações do corpo nas distopias. São elas:

1. *O corpo que sofre*

Ao longo dos romances, temos casos em que o corpo das personagens é colocado em risco, chegando de fato a ser machucado e mutilado, como quando Peeta perde a perna e Katniss tem seu corpo queimado por uma bomba;

2. *O corpo e a beleza*

Esse aspecto se faz mais claramente presente em *Feios*, sendo parte da premissa básica da história. Em diversos momentos da vida, as pessoas da sociedade do livro passam por procedimentos estéticos que alteram seus traços, seguindo padrões pré-estabelecidos pelo governo. Oficialmente, o objetivo das operações é diminuir a diferença entre os habitantes para evitar que eles se tornem fonte de discriminação e preconceitos, mas aos poucos se revela que essas operações envolvem também um processo de lavagem cerebral. Na série “Starters”, em dado momento, Tally descobre que muitos adolescentes que tinham avós foram trabalhar na empresa pelas cirurgias plásticas que eles realizavam nos “funcionários”, pois seus guardiões não deram autorização para que fizessem o procedimento. Essa temática acaba sendo diluída no meio das diversas reviravoltas da trama, mas a própria protagonista tem uma fala explícita contra os padrões estéticos impostos;

3. *O corpo e as marcas de pertencimento*

A aparência física pode ser usada também como uma forma de autoexpressão, através de roupas, maquiagem e afins, e isso faz parte da vida do jovem e da cultura adolescente, e as marcas de pertencimento manifestadas no corpo fazem parte da realidade da literatura distópica juvenil.

Em *Starters*, Callie identifica adolescentes amigáveis pela roupa, e, mais tarde, a beleza excessiva vai revelar os adolescentes que alugaram seus corpos pela *Prime Destinations*. Já em *Feios*, sua fisionomia determina seu lugar na sociedade: olhos grandes e redondos, bem como o formato da bochecha são característicos dos “*new pretties*”, enquanto os “*middle pretties*” têm feições que inspiram confiança. “Jogos Vorazes” apresenta uma variedade de marcas, algumas das quais se modificam com o tempo. A primeira que podemos notar também diz respeito a traços físicos: o 12º distrito é dividido em duas regiões, e aqueles que habitam o *Seam* têm o tom da pele, dos cabelos e dos olhos mais escuros dos que aqueles que habitam a cidade em si. Isso vai ter o efeito duplo de aproximar Katniss de Gale e afastá-la de sua mãe, Prim e Peeta, e a aparência acaba servindo para reforçar as diferenças e semelhanças de mentalidade e personalidade. Outro bom exemplo é o broche do tordo, que serve inicialmente como uma lembrança do lar de Katniss e depois vira símbolo da revolução. Ocorre que, nas distopias juvenis, tais marcas de pertencimento nem sempre possuem conotação positiva e muitas vezes são, como no caso das cirurgias, impostas ao sujeito. Isso leva à última representação;

4. O controle do corpo

As sociedades representadas nessas obras utilizam, de maneira explícita, formas de controle e opressão que são, ou já foram, usadas em nossa realidade. Explicando: Foucault (2008, p.118) afirma que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”, o que fica particularmente claro nas distopias juvenis (e nas distopias em geral), mesmo quando, de início, o protagonista ainda não percebe sua sociedade como distópica. Tais obras, então, vão representar os esforços e os meios dos governos para criar corpos dóceis.

No *corpus* selecionado, os indivíduos e as formas de poder estão numa constante batalha pelo controle do corpo. Muitas distopias juvenis narram rebeliões e/ou momentos em que o governante tenta fazer o protagonista adolescente aceitar sua ideologia ou o seu lado da batalha à força, o que seria uma representação dessa luta entre o indivíduo e as forças de poder. É comum nessas histórias que rebeliões e perseguições comecem justamente quando um adolescente se recusa a ser um corpo dócil, o que muitas vezes está ligado também a uma



recusa das marcas de pertencimento que lhe foram impostas. Novamente, é possível traçar um paralelo da distopia com a adolescência, fase em que valores sociais são inculcados e consolidados no sujeito, mas que também é conhecida como a idade da rebeldia, da recusa e da revolta contra as normas e a autoridade. Assim, por trás das tentativas de derrubar governos (para citar uma das possibilidades do gênero) está, na verdade, uma busca pelo controle do próprio corpo – que é torturado, mutilado e modificado – e, por consequência, da própria vida e futuro.

Com os exemplos aqui trabalhados, tentei mostrar possíveis paralelos que podem ser desenvolvidos entre a experiência adolescente e a forma como o corpo é retratado nas distopias juvenis. Pretendo estudar o que a maneira como os personagens dessas obras se relacionam com seus próprios corpos revela sobre o processo de amadurecimento do adolescente contemporâneo, vista a importância dada ao corpo em nossa sociedade e sua posição de potencial fonte de angústias para os jovens. Isso se torna ainda mais importante se pensarmos que, nessas representações detectadas, parece se estabelecer uma relação entre o corpo e a identidade desses jovens, sendo a construção da própria identidade um tema caro à YALit. Nos estudos sobre literatura juvenil, é interessante pensar como essas obras se inserem numa tradição maior, e, por isso, parte de minha pesquisa investigará até que ponto as distopias juvenis mantêm ou rompem com os padrões da literatura adulta, em especial porque, tradicionalmente, as distopias vêm se ocupando do corpo. A diferença no público sempre pede modificações e adaptações em um gênero, e resta então uma dúvida: o que diferencia esses corpos jovens de suas contrapartes na literatura “adulta”? Partindo do corpo, meu trabalho focará em situar os romances juvenis distópicos não só numa tradição maior das literaturas de cunho utópico como também nos problemas e conflitos de nossa sociedade atual, em especial no que diz respeito ao adolescente, o que faz com que ele se interesse pelo gênero e se identifique com tais obras. Afinal, antes de educar, e para que possa fazer isso, a literatura juvenil precisa tocar seu leitor em um nível pessoal.

REFERÊNCIAS



BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. New York: Routledge, 2003.

BASU, Balaka et al. (orgs.). Introduction. In: _____. *Contemporary Dystopian Fiction for Young Adults: Brave New Teenagers*. New York: Routledge, 2013, p.1-15.

COLLINGS, Suzane. *Jogos Vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

_____. *Em chamas*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.

_____. *A esperança*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011b.

COUTINHO, Lucia Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional: Revista de Psicanálise*, Perdizes, v. 17, n. 181, p. 16-23, mar. 2005.

_____. Adolescência, cultura contemporânea e educação. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 134-149, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 35.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HINTZ, Carrie; OSTRY, Elaine. Introduction. In: _____. (orgs.) *Utopian and Dystopian Writing for Children and Young Adults*. New York: Routledge, 2003, p.1-20.

_____. Interview with Lois Lowry, author of *The Giver*. In HINTZ, Carrie; OSTRY, Elaine (editors) *Utopian and Dystopian Writing for Children and Young Adults*. New York: Routledge, 2003, p.196-199.

PRICE, Lissa. *Starters*. New York: Random House, 2012 [e-book]

_____. *Enders*. New York: Random House, 2014. [e-book]

SMITH, Carissa Turner. Embodying the Postmetropolis in Catherine Fisher's *Incarceron* and *Sapphique*. In: BASU, Balaka et al. (orgs.). *Contemporary Dystopian Fiction for Young Adults: Brave New Teenagers*. New York: Routledge, 2013, p. 51-65.

VARSAM, Maria. Concrete Dystopia: Slavery and Its Others. In: BACCOLINI, Raffaella; MOYLAN, Tom (orgs.). *Dark Horizons: Science Fiction and the Dystopian Imagination*. New York: Routledge, 2003, p. 203-224.

WESTERFELD, Scott. *Uglies*. New York: Simon Pulse, 2011a. [e-book]

_____. *Pretties*. New York: Simon Pulse, 2011b. [e-book]



_____. *Specials*. New York: Simon Pulse, 2011c. [e-book]

_____. *Extras*. New York: Simon Pulse, 2011d. [e-book]